

editorial  
editorial

entrevista  
interview

artigos submetidos  
submitted papers

tapete  
carpet

artigo nomads  
nomads paper

projeto  
project

expediente  
credits

próxima v!rus  
next v!rus

**V!18**

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 01 semester



**Usman Haque** é fundador do [Umbrellium](#), que projeta e constrói tecnologias urbanas que apóiem o empoderamento dos cidadãos e o engajamento de alto impacto nas cidades, e do [Thingful](#), um mecanismo de pesquisa para a Internet das Coisas. Lançou, anteriormente, a Pachube.com, uma infra-estrutura de dados e plataforma comunitária para Internet das Coisas adquirida pela LogMeIn, em 2011. Graduado em arquitetura, criou ambientes responsivos, instalações interativas, dispositivos de interface digital e dezenas de iniciativas de participação coletiva em todo o mundo..

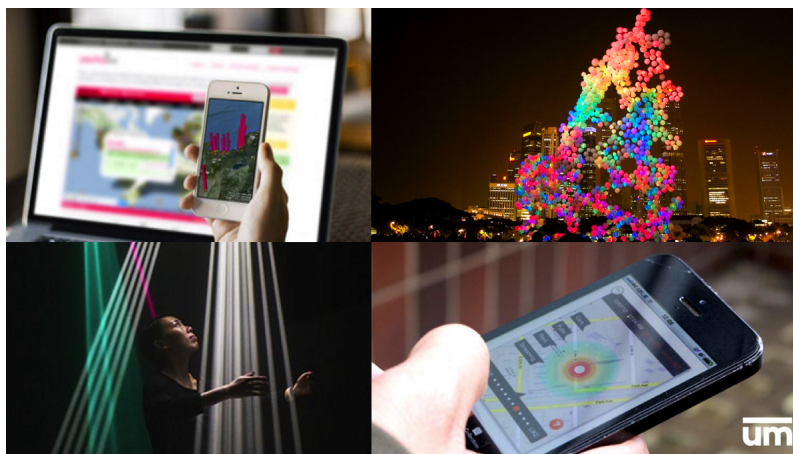
HAQUE, U. Construção mutuamente assegurada. **V!RUS**, São Carlos, n. 18, 2019. Traduzido do inglês por Christian Jhulian Braga Quesada. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=5&item=99&lang=pt>

ARTIGO CONVIDADO EM 27 DE MARÇO DE 2019

Em abril de 2019, fui convidado pela Revista V!RUS para contribuir com um texto sobre o tema da participação e colaboração, assuntos sobre os quais já falei bastante em palestras públicas. A alguns anos atrás, comecei a me interessar por projetar para "construção mutuamente assegurada" (em vez de "destruição" como nos jogos de guerra dos anos 1970) e nesta peça, originalmente produzida para fornecer mais detalhes para acompanhar uma palestra pública que eu havia dado, descrevo como isso pode se apresentar e porque parece necessário neste momento.

**Notas sobre projeto participativo a partir da introdução da [minha palestra no re-publica 2017](#).**

Hoje vou falar sobre a concepção de sistemas participativos. Falei sobre alguns dos [meus trabalhos](#) nos últimos 15 anos, algumas coisas que notei ao longo do caminho, e algumas outras que gostaria de trabalhar mais no futuro. Em particular, falei sobre uma estratégia de projeto que chamo de **construção mutuamente assegurada**.



**Fig. 1:** Algumas tecnologias urbanas desenvolvidas pela Umbrellium: Pachube (acima, à esquerda), Mini Burble (acima, à direita), Assemblance (abaixo, à esquerda) and Listening (abaixo à direita). Fonte: Autor.

Mas primeiro um lembrete: nos anos 1970 e 80 a ideia de "[destruição mutuamente assegurada](#)" foi bastante central para o gerenciamento de conflitos na guerra fria. Foi uma doutrina que essencialmente dizia que, uma vez que eu irei disparar minhas armas nucleares se você lançar um ataque nuclear em mim, e que você irá disparar o seu, se eu atacar você (e qualquer desfecho resultaria em aniquilação total), nesse caso, nenhum de nós teria qualquer incentivo para atacar o outro (ou, diante disso, qualquer incentivo para se desarmar, é claro!). Você pode gastar milhares de horas sobre [teoria dos jogos](#) examinando essa dinâmica, mas o ponto essencial foi **quetal condição ajudou a vincular nossos futuros** e assegurou que nós não destruíssemos uns aos outros.

Estive observando em como levar essa dinâmica um passo além, embora em uma escala muito menor. Estou interessado não apenas em concordar que não iremos destruir uns aos outros, mas também em usar as consequências de aparentes paradoxos ou contradições para sermos positivamente construtivos juntos. As fricções à cooperação existem em todas as escalas que você pode observar, mesmo quando os benefícios da cooperação parecem tão evidentes; e meu interesse, como projetista e, mais especificamente, como [projetista de sistemas participativos](#), é descobrir como lidar com tais fricções de maneira eficaz, estruturar a participação de modo a dar conta e até mesmo prosperar a partir delas. **A construção mutuamente assegurada é essencialmente um conjunto de estratégias de projeto para construir, agir e decidir um futuro em conjunto, sem exigir consenso sobre esse futuro.**

...

Se você está interessado nas estruturas de participação, na questão do projeto e, mais especificamente, de quem projeta, é complicada: porque a extensão na qual um sistema é participativo é, em parte, também, a extensão na qual ele não é centralizado em torno de um único projetista. O dilema é como projetar para a participação, quando ser projetista significa, até certo ponto, tomar decisões em nome de outros.

O modo como lidei com esse dilema (depois de muita angústia!) foi percebendo que não importa qual o ato projetual que realizemos neste mundo, há sempre alguém, ou algum grupo que toma decisões sobre esse ato e que são afetados pelas decisões – você não pode fugir do fato de que você fará projetos/decisões/distinções que afetarão outras pessoas. O importante, no entanto, é assegurar que as decisões que você toma e os projetos que você faz abram um conjunto de possibilidades ao invés de restringir um conjunto de possibilidades - e, melhor ainda, que as próprias decisões/distinções estejam abertas à re-escrita, reproposição, re-decisão e re-apropriação por outros. Aqui, muitas vezes me refiro a Heinz von Foerster e seu [Imperativo Ético](#): "Aja sempre para aumentar o número de escolhas".

Isto, penso, é um conceito fundamental no projeto participativo: aceitar que há um projetista, talvez um meta-projetista, tomando decisões mas questionando constantemente como qualquer decisão individual envolvida na implantação ou manifestação pode ser feita por outras pessoas, seja agora ou no futuro. E não ser pretensioso sobre isso. Matthew Fuller e eu escrevemos sobre isso detalhadamente no [Urban Versioning System](#). Esse tipo de abordagem geralmente resulta em iniciativas complexas, difíceis de serem descritas e vinculadas – iniciativas que são necessariamente descritas de maneira diferente por pessoas diferentes. Isso significa que não há descrição definitiva, autoritária – a descrição é de propriedade de muitos. Percebo que isso vai de encontro direto às filosofias que dizem que o projeto trata de esclarecer ou resolver problemas (o que pressupõe que o mundo seja reconhecível e solucionável) ou que o projeto trata de simplificar (o que pressupõe que a simplicidade seja desejável e alcançável). Deixarei a crítica para outra hora (embora eu goste do que [Jack Schulze disse sobre isso](#)).

...

Mas por que uma abordagem participativa de projeto é tão importante agora? Para mim é bastante pragmático. Estamos diante de uma série de crises potenciais que, de várias maneiras, estão inter-relacionadas.

Nossas instituições democráticas parecem cada vez mais problemáticas porque o resultado de votações estão sendo essencialmente mais afetadas pelo número de pessoas que não votam do que por aquelas que votam.



Fig. 2: Democracia - decidida por aqueles que não participam. Fonte: Autor.

Nossas infraestruturas ambientais precisam responder aos impactos conflitantes da mudança climática, da migração em massa e dos limites inconstantes da geografia.

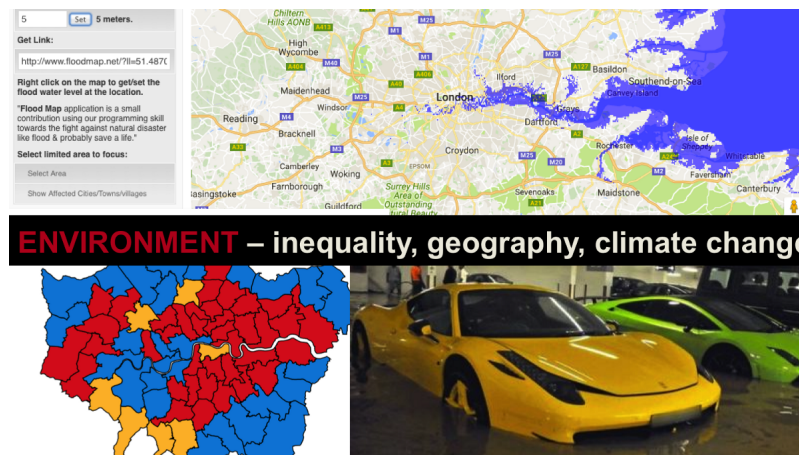


Fig. 3: Meio ambiente - desigualdade, geografia, mudança climática. Fonte: Autor.

Nossos sistemas financeiros veem a dívida global no nível mais alto que já esteve - e quando você aposta na evasão fiscal e nas cripto-moedas, as questões sobre o futuro da moeda fiduciária devem ser levantadas.

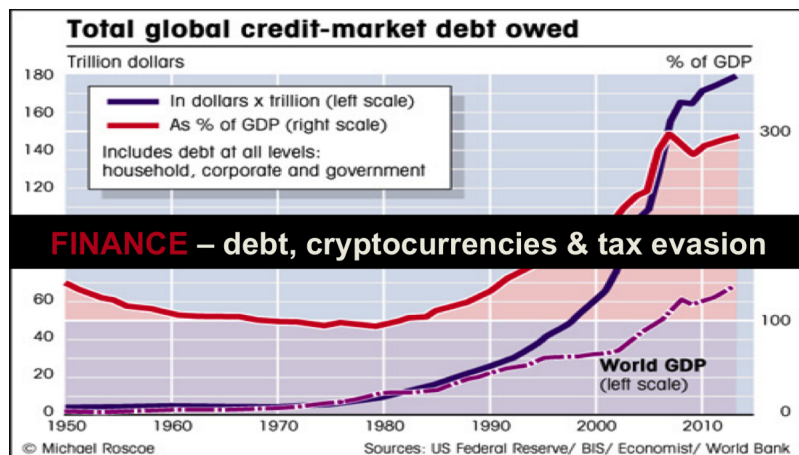


Fig. 4: Finanças - dívida, criptomoedas e evasão fiscal. Fonte: Autor.

E em meio a tudo isso, o [solucionismo tecnológico](#) vê proposições, em grande parte por empresas do Vale do Silício que, através de suas 'inteligências', lançam-se de braços abertos em direção à [vigilância em](#)

massa, invasão em massa, fraude em massa, insegurança em massa e ilusão em massa.

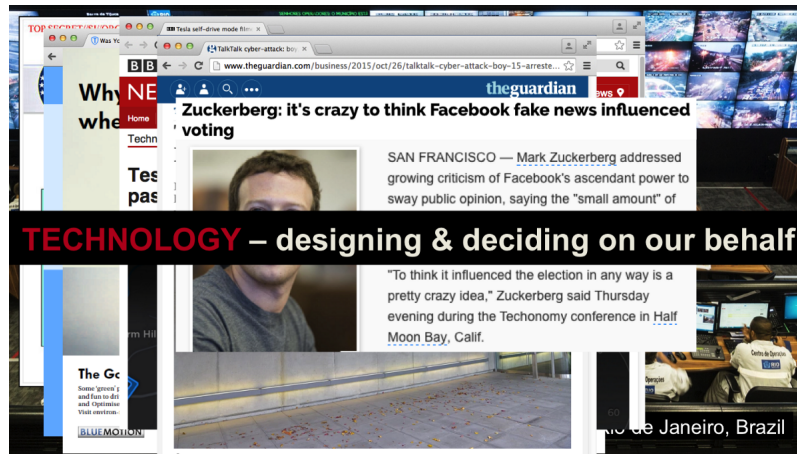


Fig. 5: Tecnologia - projetando e decidindo em nosso nome. Fonte: Autor.

Qualquer um destes exemplos, mas especialmente todos eles juntos, significa que estamos diante da necessidade de redesenhar radicalmente o nosso cotidiano em um futuro próximo. Como vamos fazer isso? Quem vai projetar esse futuro? Nós iremos terceirizar as decisões fundamentais para as corporações, tecnólogos e algoritmos do Vale do Silício que veem os humanos como problemas para resolver? Ou iremos nos apropriar de nossos futuros combinados e coletivos? Nenhuma voz individual ou até mesmo uma pequena seleção de vozes resolverá todas essas complexidades. No entanto, não podemos esperar para agir até que todos concordem sobre o que fazer. Portanto, trabalhar em conjunto na ausência de acordo é essencial; e projetar sistemas para que não se quebrem se não concordarmos é crucial.

...

Para fazer isso, podemos trabalhar através da "construção mutuamente assegurada", o que significa projetar sistemas que não apenas ativem mas, talvez, até mesmo em sua implantação exijam:

**+ trabalho conjunto:** aprendendo a colaborar sem consenso, desenvolvendo um senso de agenciamento, especialmente agenciamento coletivo - falarei sobre meus projetos que experimentam isso, incluindo o [Open Burble](#), onde as pessoas projetam e constroem fragmentos de uma estrutura muito maior sem a necessidade de um acordo compartilhado sobre a estrutura final; e o [Flightpath Toronto](#), onde as tirolesas são implantadas como uma forma de prototipagem rápida do transporte urbano *in loco*.

**+ decisão conjunta:** descobrindo como construir uma responsabilidade compartilhada para um futuro coletivo - falarei sobre o [Natural Fuse](#), no qual uma rede de usinas conectadas permite que uma comunidade equilibre consumo de energia e o rastro coletivo de carbono; e o [Cinder](#), no qual alunos de uma nova escola interagem com um gato de realidade aumentada para tomar decisões sobre alocação de recursos (a comida do gato) com base na produtividade do painel solar do edifício.

**+ ação conjunta:** incorporando responsabilidade e um senso de realização coletiva, que podemos realmente alcançar algo trabalhando e decidindo juntos - entendendo que empatia significa ouvir mais do que apenas compartilhar. Falarei sobre o [VoiceOver](#), que viu uma infraestrutura de comunicação radicalmente pública, desenvolvida e implantada por uma pequena comunidade no nordeste da Inglaterra; e o que eu vi na [comunidade Pachube](#) após o desastre radioativa em Fukushima; bem como um projeto mais recente, o [Urban Innovation Toolkit](#).



**Fig. 6:** Algumas tecnologias urbanas desenvolvidas pela Umbrellium: Mini Burble (acima, à esquerda), Flightpath Toronto (acima, ao centro), Natural Fuse (acima, à direita), Cinder (abaixo, à esquerda), VoiceOver (abaixo, ao centro) and Listening (abaixo, à direita). Fonte: Autor.

Isto não é sobre *crowdsourcing* (contribuição colaborativa ou colaboração coletiva) para encontrar as “melhores ideias” para o futuro. Estou argumentando que a única maneira de termos um futuro é trabalhando juntos em projetos complexos que abracem a confusão de nossos conflitantes desejos e imaginações, que reforçam a noção de que podemos colaborar mesmo quando não nos concordamos em tudo, e isso nos permite, através de variações nos [pactos de Ulisses](#), projetar e criar um futuro coletivo. O resultado não seria apenas de que nós temos um futuro, mas de que nosso futuro é aquele no qual necessariamente aprendemos a coexistir, co-criar e co-evoluir.

Como projetista, eu não tenho uma ideia clara desse futuro, nem de como construí-lo. Em vez disso, estou trabalhando em maneiras pelas quais podemos juntos construir uma memória compartilhada de um possível futuro, para que possamos decidir juntos se e como nos moveremos em direção a isso.